

A produção do conhecimento sobre gênero, sexualidade e homossexualidade e a Educação Física escolar nos principais periódicos brasileiros da Educação Física

Marilia de Souza Fratoni

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Santa Catarina, Brasil

E-mail: marilia_souzafratoni@terra.com.br

Victor Julierme Santos da Conceição

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Santa Catarina, Brasil

E-mail: victor@unescc.net

Resumo

Este artigo teve como objetivo identificar e analisar a produção sobre gênero, sexualidade e homossexualidade na educação física escolar nos principais periódicos brasileiros de Educação Física. Trata-se de uma revisão sistemática de abordagem qualitativa tendo como locus de pesquisa os periódicos da Educação Física nos estratos A e B da CAPES. As pesquisas apresentam que os professores encontram muitas dificuldades para desenvolver aulas que apresente ao aluno as relações de gênero, as diversas formas que o indivíduo tem para viver a sua sexualidade e a forma como lidar com relações homossexuais.

Palavra(s)-chave: Gênero, Sexualidade, Homossexualidade e Educação Física Escolar

Introdução

Os debates sobre gênero, sexualidade e homossexualidade são temáticas recentes dentro do campo epistemológico da Educação Física, tendo como exemplo o reconhecimento do Grupo de Trabalho Temático (GTT) gênero no CONBRACE de 2013. Acredita-se que com esse espaço, as produções sobre a temática, que hoje não estão sistematizadas e encontram-se em diversos periódicos da Educação Física possam ter um locus privilegiado de debate, possibilitando avanços significativos.

A partir do exposto, buscamos compreender qual o debate realizado atualmente nessa temática sobre gênero, sexualidade e homossexualidade, optando por uma busca de artigos nos principais periódicos da Educação Física a partir do sistema qualis da CAPES.

Meyer (2013, p. 18), apresenta quatro desdobramentos do conceito de gênero. No primeiro e no segundo ela apresenta que, ao longo da vida, através das diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos homens e mulheres, e que ao nascer e viver em tempos, lugares e circunstâncias específicas, existem diversas formas de viver a feminilidade e a masculinidade.

[...] o conceito de gênero enfatiza essa pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpo e sujeitos femininos, torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras “marcas” sociais, tais como classe, raça / etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma dessas articulações produz modificações nas formas pelas quais as feminilidades ou as masculinidades são, ou podem ser vividas ou experienciadas por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou, ainda, pelos mesmos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida (MEYER 2013, p 19).

No terceiro a autora observa que, gênero introduziu uma mudança que continua sendo alvo de polêmicas no campo feminino. Trata-se do conceito não apenas

para as mulheres exclusivamente e suas condições de vida como objeto de análise. As análises e as intervenções exploradas devem considerar as relações de poder entre homens e mulheres e formas sociais e culturais que constituem como “sujeitos de gênero”. No quarto desdobramento, o conceito de gênero propõe o afastamento de análises de uma ideia reduzida a papéis e funções de homens e mulheres para aproximar-nos de uma abordagem ampla que considera as instituições sociais os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas, as políticas de uma sociedade são constituídas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo implicadas com sua produção e ressignificação.

Goellner (2010, p 75) trata das questões de gênero e corpo:

Por *gênero* entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de *sexo*, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O *gênero*, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é *generificado*, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele.

Goellner (2010, p.75) também afirma que ao entender que gênero é uma construção social de sexo tudo que indica ser masculino e feminino não é algo que exista naturalmente. Nesse sentido, a sexualidade deve ser entendida como algo que envolve diversas crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas assim homens e mulheres são permitidos em viver os seus modos, desejos e prazeres corporais. O termo “orientação sexual” serve para contemplar as diversas formas de viver a sexualidade, dando significado a orientação que cada sujeito exerce sua sexualidade (WEEKS apud GOELLNER, 2010, p 76).

Vale lembrar que uma mesma pessoa, ao longo de sua vida, pode apresentar mais de uma identidade sexual, ou seja, ser heterossexual, homossexual ou bissexual etc. Essas identidades são culturalmente construídas e, na nossa cultura, referem-se às formas como os sujeitos vivem sua sexualidade, que pode ser com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou, ainda, com ambos os sexos (GOELLNER 2010, p 76).

Segundo Louro (2013), há varias formas de viver os gêneros e as sexualidades. Louro (2013) faz uma critica ao dizer que a escola tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: havendo apenas um modelo adequado de viver a masculinidade e feminilidade, e uma única forma de viver a sexualidade, é a heterossexualidade, fugir desses padrões significa sair do centro, e torna excêntrico. Por isso ao levar esses assuntos para a escola, ha certa rejeição ou dificuldade dos professores em trabalhar estes assuntos com os alunos, os professores não se sentem confortáveis ao tratar deste tema, todo assunto que é novo ou diferente a certa rejeição dos mesmos.

Nós, educadoras e educadores, geralmente nos sentimos pouco à vontade quando somos confrontados com as ideia de provisoriedade, precariedade, incerteza – tão recorrentes nos discursos contemporâneos. Preferimos contar com referências seguras, direções claras, metas sólidas e inequívocas (LOURO 2013, p 43).

Para compreender esse debate na escola, faz-se necessário verificar o que foi produzido até então, visto que não tínhamos um lócus privilegiado de debate sobre a temática na Educação Física. Acreditamos no fomento de mais pesquisas sobre este assunto para que possamos avançar na compreensão dos fenômenos relacionados a

gênero sexualidade e homossexualidade e sua relação social, principalmente no contexto educacional da Educação física.

Para desenvolver essa pesquisa tivemos como problema: Qual a produção do conhecimento sobre gênero, sexualidade, homossexualidade nos principais periódicos brasileiros de Educação Física?

Para tentar responder nosso problema temos como objetivo geral: Analisar a produção sobre gênero, sexualidade e homossexualidade no campo educacional nos principais periódicos brasileiros de Educação Física.

Metodologia

Esta pesquisa trata-se de uma Revisão Sistemática de abordagem qualitativa, que segundo (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, TAKAHASHI e BERTOLOZZI apud GOMES e CAMINHA, 2014, p 398):

É "uma metodologia rigorosa proposta para: identificar os estudos sobre um tema em questão, aplicando métodos explícitos e sistematizados de busca; avaliar a qualidade e validade desses estudos, assim como sua aplicabilidade".

Foram realizadas as buscas dos artigos nas revistas, para isso, utilizamos os descritores: Gênero; Sexualidade; e Homossexualidade; Nessa busca, encontramos um total de 468 artigos com o descritor Gênero, com descritor Sexualidade um total de 102 artigos e com o descritor Homossexualidade um total de 27 artigos.

Destes, selecionamos aqueles que versavam sobre gênero, sexualidade e homossexualidade na Educação Física escolar a partir da leitura dos resumos dos artigos, onde eram excluídos aqueles que não estavam de acordo com o tema da pesquisa: A produção do conhecimento sobre gênero, sexualidade e homossexualidade na Educação Física escolar nos principais periódicos brasileiros da Educação Física.

A seleção dos artigos nas revistas a partir dos resumos foi desenvolvida da seguinte maneira: realizamos a leitura dos resumos e procuramos identificar o objetivo, metodologia e resultados de cada pesquisa, identificando se os mesmos se tratavam do mesmo assunto pesquisado. Finalizando obtivemos um total de 25 artigos selecionados para a pesquisa. Abaixo, apresentamos uma tabela com o número de artigos selecionados por revista.

DESCRITOR - GENERO				
ESTRATO	REVISTA	ENCONTRADOS	PRÉ-SELEC. TITULO	SELEC. RESUMO
A2	Motriz. Revista de Educação Física. UNESP	194	6	5
	Movimento (ESEF/UFRGS)	202	8	4
B1	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	22	2	2
	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	20	5	4
B2	Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais	0	0	0
	Pensar a Prática	30	4	3
TOTAL		468	25	18
DESCRITOR – SEXUALIDADE				
ESTRATO	REVISTA	ENCONTRADOS	PRÉ-SELEC. TITULO	SELEC. RESUMO

A2	Motriz. Revista de Educação Física. UNESP	44	0	0
	Movimento (ESEF/UFRGS)	0	0	0
B1	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	3	0	0
	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	29	5	0
B2	Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais	0	0	0
	Pensar a Prática	26	0	0
TOTAL		102	6	0
DESCRITOR – HOMOSSEXUALIDADE				
ESTRATO	REVISTA	ENCONTRADOS	PRÉ-SELEC. TITULO	SELEC. RESUMO
A2	Motriz. Revista de Educação Física. UNESP	7	0	0
	Movimento (ESEF/UFRGS)	11	1	1
B1	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	0	0	0
	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	5	2	1
B2	Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais	0	0	0
	Pensar a Prática	4	0	0
TOTAL		27	3	2

Tabela 1: quantidade de artigos encontrados e selecionados.

Para situar o processo de análise realizado, buscamos em um primeiro momento compreender o debate atual sobre gênero e sexualidade na Educação Física escolar, nesse elencamos duas categorias que emergiram com potência dos artigos encontrados e que iremos apresentar neste artigo, são elas: Relação dos professores frente às relações de gênero, sexualidade e homossexualidade; Co-Educação.

DEBATE ATUAL SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Em relação aos debates feitos sobre os professores frente às relações de gênero, sexualidade e homossexualidade, apresentamos os achados dos estudos analisados. Por tanto Santos (2010) descreve em seu estudo observações de campo e conversas informais com professores de Educação Física, apresentando nestas falas de professores com os alunos, significativas representações sociais de gênero em relação à feminilidade e masculinidade. Em uma das falas, o autor questiona uma das alunas: “Pesquisadora: *Você não consegue chutar forte por quê? Débora: Porque a gente é mais sensível* (2010 p 848)”. Na fala seguinte em que o autor apresenta uma conversa entre professor e aluna referente às aulas de Educação Física

[...] Professora: *Meninas, não querem falar nada, que não faziam nada; tinha que ficar puxando, implorando para participar. Muito ruim fazer Educação Física? Muito ruim, Ellen? Ellen: Não. Professora: Não? Só que tem que tomar cuidado, né?! Porque a bola machuca* (2010 p 848).

Santos (2010) afirma que na fala anterior a professora não percebe, mas esta concordando com a aluna da fala anterior, reproduzindo um sentido de sensibilidade e fragilidade da mulher perante as vivências corporais. No processo de conversação, as falas apresentam atributos como sensibilidades e delicadeza atreladas à condição feminina, “construções estas marcadas na/pela história”. Entre as falas da professora

com as alunas as mesmas apropriam-se “de um discurso que faz parte de uma prática socialmente construída e culturalmente transmitida” (BAKHTIN, 1993, 2003 apud SANTOS 2010, p 848).

Da mesma forma essas reações são apresentadas no artigo das autoras Altmann, Mariano, Uchoga (2012), em entrevista com a professora as pesquisadoras a questionam se a mesma sabe o porquê da diferença de comportamento dos alunos entre meninos e meninas, a professora relata que:

[...] Eu não sei. Fico imaginando às vezes pelo fato da família que diz que o menino tudo bem, o menino faz, a menina não pode se sujar, não pode ir na rua brincar... O menino pode ir lá na rua brincar, a menina não. A menina fica em casa quietinha, ali. A atividade das meninas geralmente é mais tranquila que a dos meninos. A deles sempre é mais dinâmica, sempre envolve mais gente do que a das meninas. As meninas são muito mais organizadas, então, na hora de você colocar uma atividade de organização, as meninas se organizam mais rápido que os meninos. Mas eu acho que os meninos se saem melhor do que elas (2012 p 289).

As autoras afirmam que a professora indica o gênero como marcador social de importante na construção de diferenças entre meninas e meninos. Segundo Scott (1995 apud ALTMANN, MARIANO e UCHOGA, 2012 p 290),

[...] o gênero é “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornecem um meio de decodificar o significado e compreender as complexas formas de interação humana”. Assim, gênero é pensado como uma construção social e relacional, na qual as diferenças biológicas existentes não são descartadas, mas parte de um processo mais amplo e complexo de produção de diferenças, do qual as instituições de ensino fazem parte.

Mokwa, Gonini e Ribeiro (2009), apresentam que os professores possuem pouco conhecimento científico sobre os temas gênero, sexualidade e homossexualidade, por ter uma forte influencia cultural dificultando a abordagem desses temas em sala de aula. As professoras evidenciam esta dificuldade e salientam que ao abordar esses assunto, o mediam de forma tímida, sem possibilitar a reflexão e problematização, não permitido que a criança se conscientize, “por exemplo, que o gênero é um conceito formado por conhecimentos do senso comum e construído por valores culturais e sociais” (2009 p 6).

Segundo Araújo, Augusto e Ribeiro (2009 p 3) a:

Sexualidade e educação sexual são temas que ainda não estão bem resolvidos e definidos nos programa desenvolvidos pelo Ministério da Educação e no cotidiano das escolas brasileiras. Quando estes programas são implantados, a prática acaba ficando distorcida, não englobando a essência e atingindo seu real objetivo. Isso ocorre por que o contexto escolar não se apresenta bem estruturado para lidar com as questões de várias origens, que surgem de acordo com o amadurecimento físico e psicológico dos educandos.

Mokwa, Gonini e Ribeiro (2009) ainda apresentam conversas entre professoras, onde as mesmas relatam que as meninas de hoje não são como as de antigamente e que estão piores que os meninos, onde afirmando que as meninas devem ter bons comportamentos e boas atitudes referem-se às características contrárias aos meninos desde ao nascer. Segundo os autores as professoras possuem dificuldades em trabalhar a sexualidade com os alunos por terem alunos que conhecem mais sobre os assuntos a respeito de sexo. Ainda sobre as dificuldades de tratar da sexualidade com os alunos, os autores aplicam um questionário com grupo de professore onde apresentam a seguinte frase para que as mesmas descrevam como elas agiriam referente a esta, “se uma criança dissesse que menina brinca de boneca e o homem brinca de carrinho”(2009 p 7). Nesse sentido, as professora relatam que deve refletir e conversar coma as crianças sobre o assunto, levando em consideração que a concepção de gênero é uma construção

cultural. Sobre as questões de homossexualidade uma das respostas de uma das professoras foi: “[...] penso que cada indivíduo deve comportar de maneira que quiser, cada um com sua personalidade, jeito de ser... Porém, me assusta ainda cenas explícitas de carícias entre homossexuais em lugares públicos” (2009 p 7). Esta fala revela, segundo os autores:

Desta forma, percebe-se que as professoras reconhecem ser que as questões de gênero uma construção sócio-cultural, mas revelam dificuldades de aceitar e tratar a homossexualidade, necessitando de estudos e discussões a respeito do assunto, vislumbrando desconstruir e construir novas representações que possibilitem criar subsídios que contribuam com a prática docente, objetivando formar cidadãos críticos e reflexivos quanto essa questão polêmica, que perpassa a sociedade (2009 p 7).

Araújo, Augusto e Ribeiro (2009) relatam as dificuldades que os professores encontram em tratar esses temas em suas aulas. Por meio da pesquisa desenvolvida pelos autores com 12 professores, foi apresentado duas imagens, na primeira imagem “continha um menino frente ao espelho, calçando um sapato feminino de salto alto, vendo seu reflexo no espelho com envoltório rosa no seu corpo, com a frase: “Construindo Identidades””, na segunda imagem havia a seguinte frase: “Respeito, uma vida sem violência é direito de todos”, com três símbolos de formas de relacionamentos: homossexual (duas pessoas juntas, do sexo masculino e duas pessoas juntas do sexo feminino), e um casal heterossexual (homem e mulher). O autor apresenta falas dos professores após visualizarem as imagens,

“Que horror”; “Credo”; “Isso não pode”; “Nossa que difícil trabalhar com uma coisa dessa!”; “Se eu visse não saberia o que fazer”; “Complicado, hein”; “Nossa o menino tá num mundo rosa”; “É mais tem que ser liberal”; “É difícil, mas acho que isso tá certo”; “Precisamos respeitar né”; “Ele não tem culpa de ser assim”; “Coitado do pai”; “Que mundo nós estamos” (2009 p 7).

Segundo os autores os professores se manifestam trazendo em suas falas valores e conceitos construídos culturalmente, mas na segunda imagem promovem a reflexão sobre os valores e conceitos que estavam inseridos. Araújo, Augusto e Ribeiro (2009) afirmam que os professores ao ouvir as falas dos outros professores percebem novas “possibilidades de reações, intervenções e orientações apropriadas, com uma nova visão diante dos conceitos estereotipados” (2009 p 8).

Junior e Melo (1996), em seu estudo utilizam entrevistas com alunos, a partir deste instrumento de coleta de dados, apresentam que a Educação Física é considerada uma das disciplinas mais discriminadoras do espaço escolar, pois os alunos relatam serem excluídos pelos professores das atividades, da mesma forma outros professores homossexuais sentem dificuldades em trabalhar em escolas por serem discriminados, segundo Lenskyj, op.cit. (1991 apud JUNIOR e MELO, 1996, p 23):

Dificuldades dessa natureza também são sentidas por professores (e professoras) homossexuais, fadados a esconder sua homossexualidade, já que são um "péssimo exemplo" para as crianças, não possuem "postura moral adequada" ou até mesmo podem ser acusados de utilizar sua situação para recrutar jovens e crianças para suas práticas sexuais, um mito bastante presente em torno da figura do homossexual. Tem assim que se esconder, se desejarem manter o emprego.

De acordo com Anne Flintoff (1994 apud JUNIOR e MELO, 1996) a discriminação na Educação Física e no esporte é construída pela imagem estereotipada que reforça a identidade masculina dessas práticas culturais. “Logo, a homossexualidade e a feminilidade são utilizadas como referências negativas” (1996 p 23).

Diniz e Lionço (2009 apud MOLINA e FIGUEIRÓ, 2012) complementam que a escola é responsável em fabrica sujeitos e subjetividade, por construir e transmitir conhecimento, por:

[...] Reproduz padrões sociais, iníquios, perpetua concepções e valores hegemônicos, naturaliza relações autoritárias, reitera hierarquias opressivas, sanciona clivagens sociais e legitima a acumulação desigual de recursos e prestígio. (LIONÇO, DINIZ 2009, apud MOLINA E FIGUEIRÓ 2012 p 62).

De acordo com os autores debatidos os professores de Educação Física frente às relações de gênero, sexualidade e homossexualidade, encontram dificuldades em tratar destes assuntos nas escolas. Por às vezes provavelmente não estarem fundamentados teoricamente para desenvolver aulas que possibilite ao aluno o entendimento a essas questões.

Co-Educação nas aulas de Educação Física

Nessa categoria apresentaremos o debate sobre a co-educação desenvolvida nas aulas de Educação Física. Dessa forma Cruz e Palmeira (2009) mencionam que a corrente tradicionalista que imagina a Educação Física a partir do modelo tecnicista-biológico do esporte de rendimento, tende a utilizar do ponto de vista biológico para explicar as diferenças físicas e de comportamentos entre homens e mulheres, rejeitando aulas co-educativas. A partir desse pensamento positivista, é que se tem construído imagens de homem, mulher e sociedade conectados a princípios do máximo rendimento e produtividade. Por tanto “justifica-se a superioridade física e intelectual do homem, uma vez que somos levados a analisar as questões referentes a gênero apenas do ponto de vista motor” (2009 p 122).

Segundo os autores na perspectiva progressista, a separação por sexos nas aulas da EF reafirma estratégias construídas pelas diferenças entre homens e mulheres, essas diferenças acontecem devido à imagem de ser humano e mundo. “Portanto, esta considera a educação conjunta de meninos e meninas uma importante ferramenta na busca pela equidade nas aulas de Educação Física e esporte” (2009 p 122).

Cruz e Palmeira (2009) revela em suas pesquisas de campo, a partir das afirmações dos alunos sobre as aulas co-educativas na qual são tidas como “muito boas”, por acontecer à troca das informações, “se um não sabe alguma coisa e outro sabe, pode ensinar” (2009 p 126), demonstrando a importância da socialização e cooperação entre os alunos. Segundo os autores para uma das alunas entrevistada as

[...] aulas coeducativas são momentos propícios para demonstrar para os meninos as suas habilidades no esporte, “acho bom, para que os meninos também pudessem perceber que não é só eles que entendem de esportes”, ficando evidente a insatisfação da aluna frente à pseudo- superioridade de habilidades motoras atribuídas aos meninos (2009 p 126).

Os autores afirmam que nas aulas apresentam-se explicitamente as diferenças corporais entre meninos e meninas e o resultado dessas diferenças acontece devido às normas e transformações que os corpos são submetidos na sociedade (SOARES 2001 apud Cruz e Palmeira 2009). Diferente dos alunos apresentados anteriormente outros alunos foram entrevistados e as respostas sobre as aulas co-educativas são negativas, na qual relatam não gostar da aula nesse formato, pois as meninas não sabem jogar e os machucam. Os autores Cruz e Palmeira (2009) afirmam que a partir das falas acredita-se que os alunos não estão preparados para lidar com questões de gênero, no caso específico, diferenças de habilidades motoras. Darido (2005 apud CRUZ e PALMEIRA, 2009 p 127) abordam que

Os meninos são incentivados a praticar brincadeiras mais agressivas e mais livres; jogar bola na rua, soltar pipa, andar de bicicleta, rolar no chão em brigas intermináveis, escalar muros e realizar várias outras atividades que envolvem riscos e desafios. As meninas, ao contrário, são desencorajadas de praticar tais brincadeiras e atividades.

Da mesma forma essas diferenças aparecem no artigo desenvolvido pelas autoras Pereira e Mourão (2005) demonstra nas falas dos meninos por não deixarem as meninas participarem de um jogo de futebol. Os meninos relatam que as meninas sempre que jogam se machucam colocando a culpa nos meninos, e se isso acontece os meninos ficam sem jogar na semana seguinte ficando sem recreação. Conforme as autoras, as exclusões de meninas não acontecem apenas nesse fato por inabilidade, em toda observação desenvolvida, nos jogos de futebol as meninas ficavam de fora. Podendo ser verificado pelas autoras que essa exclusão acontece apenas nos jogos de futebol, pois em outras atividades os alunos interagem juntos.

As autoras Pereira e Mourão (2005) se questionam o porquê das meninas serem menos habilidosas que os meninos, e se deparam que quando analisado a história em relação ao desenvolvimento da mulher, encontra-se que as mesmas não foram dadas oportunidades equivalente aos homens nas praticas de atividades físicas e esportivas. Perante este cenário histórico Mourão e Morel (2005 apud PEREIRA e MOURÃO, 2005 p. 207 e 208), esclarecem que:

A construção cultural brasileira concebe o esporte e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino, terminou por representar uma barreira ainda maior do que as outras atividades, à prática feminina.

As autoras apresentam que as professoras reforçam a separação das crianças por sexo mesmo sem saber, mas que nas entrevistas desenvolvidas as professoras relatam que não indicam a separação, alegando que formar filas separadas por sexo é a forma com a qual foi ensinada e que não faria de outra forma. “Apenas pelo fato de não interferirem e não discutirem com os alunos sobre a separação do universo masculino e feminino nos rituais da escola, já seria um indicativo da pouca atenção que dão ao assunto” (2005 p 4).

Jesus e Devidé (2006, p 129) reforçam que “quando tais questões não são problematizadas pelo docente junto aos discentes, turmas de Educação Física escolar que nunca vivenciaram uma abordagem Co-educativa, tendem a oferecer dificuldades para a realização das atividades”.

A co-educação como abordagem metodológica para a Efe contribui para interpretar o desporto e as atividades físicas numa perspectiva relacional de gênero, combatendo o sexismo, libertando alunos e alunas das amarras que determinam o que cada sexo pode vivenciar como práticas corporais. Na dança, por exemplo, os arranjos de gênero custam mais aos homens do que às mulheres, por possibilitarem que estes manifestem a expressividade emocional/movimentos, aspectos que transgridem o que se associa ao masculino pela sociedade; enquanto o contrário ocorre com o futebol no caso das mulheres (SARAIVA 2002 apud JESUS e DEVIDE 2006, p130).

Através dos debates feitos anteriormente, os professores de Educação Física ao se propor a desenvolver aulas co-educativas acabam por desenvolver aulas simplesmente mistas, por não contextualizar e não refletir juntamente com os alunos a importância destas aulas, construindo a relação de superioridade masculina, onde os meninos são mais forte que as meninas, visto que isso é uma construção social.

Considerações Finais

Podemos concluir que as produções analisadas apresentam que os professores encontram muitas dificuldades para desenvolver aulas que apresente ao aluno as relações de gênero, as diversas formas que o individuo tem para viver a sua sexualidade e a forma como lidar com relações homossexuais tanto os professores homossexuais;

alunos homossexuais; e até mesmo dificuldade de apresentar aos alunos a não discriminação das formas de viver a sexualidade.

Nos estudos encontramos os professores que desenvolvem as aulas onde acabam a desvalorizar o sexo feminino, produzindo um sentido de a mulher ser inferior aos homens e os meninos mais fortes, habilidosos e mais capazes ao desenvolver as atividades propostas, reforçando o sentido de superioridade masculina. Já em alguns casos os professores reforçam a separação de meninos e meninas nas aulas, por acreditarem que as meninas são mais frágeis, visto que toda habilidade masculina ou fragilidade feminina é uma construção social histórica e que os professores acabam por reproduzir.

De acordo com as pesquisas desenvolvidas podemos avançar, entendendo melhor essa construção social e histórica imposta na sociedade, onde são reproduzidas pelos professores nas aulas de Educação Física. Das dificuldades encontradas ao desenvolver esta pesquisa, verificamos que há produções, mas que devem ser organizadas e sistematizadas, pois encontram-se em diversos periódicos da Educação Física, possibilitando avanços significativos.

Por isso os professores tem pouco conhecimento dentre estes temas, portanto acreditamos que ao conhecer estas relações os professores possam desenvolver suas aulas sem discriminar ou reproduzir o que está imposto pela sociedade.

The production of knowledge on gender, sexuality and homosexuality and School Physical Education in the main Brazilian journals of Physical Education

This article aims to identify and analyze the literature on gender, sexuality and homosexuality in school physical education in the main Brazilian journals of Physical Education. This is a qualitative approach to systematic review having as research locus Periodicals of Physical Education in the strata A and B of CAPES. Research show that teachers find it very difficult to develop classes to present students with the gender relations and the various ways that the individual has to live their sexuality and how to deal with homosexual relationships.

Keyword (s): Gender, Sexuality, Homosexuality and School Physical Education

La producción de conocimiento sobre el género, la sexualidad y la homosexualidad y la Escuela de Educación Física en los principales periódicos nacionales de Educación Física

Este artículo tiene como objetivo identificar y analizar la literatura sobre el género, la sexualidad y la homosexualidad en la educación física escolar en los principales periódicos nacionales de Educación Física. Se trata de un enfoque cualitativo de revisión sistemática tiene como periódicos, locus de investigación de la Educación Física en los estratos A y B de la CAPES. La investigación muestra que los profesores les resulta muy difícil el desarrollo de las clases para presentar a los estudiantes con las relaciones de género y las diversas formas en que la persona tiene que vivir su sexualidad y cómo hacer frente a las relaciones homosexuales.

Keyword (s): Sexo, Sexualidad, homosexualidad y la Escuela de Educación Física

Referências

ALTMANN; H; MARIANO, M; UCHOGA, L.A.R. **Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. Pensar a Prática**, v. 15, n. 2, p. 272-550, abr./jun. 2012.

ANJOS, L.A. **Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na internet**. Porto Alegre: Orquestra, 2014.

ARAUJO, K.C.V; AUGUSTO, V.O; RIBEIRO, P.R.M. **Algumas reflexões sobre educação sexual e estudos de gênero no trabalho de educadores do ciclo II e ensino médio. Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2009.

COSTA, A.P. et al. **Sexualidade, gênero e educação: novos olhares. Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2009.

COSTA; M. R. F; SILVA, R.G. **A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença?. Rev. Bras. Esporte**, campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, jan. 2002.

CRUZ, M.M.S; PALMEIRA, F.C.C. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. Motriz**, Rio Claro, v.15 n.1, p.116-131, jan./mar. 2009.

DEVIDE, F.P. et al. **Estudos de gênero na Educação Física Brasileira . Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.

GOELLNER; S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. Rev. Bras. Cien. Esporte**, p. 71-83, mar de 2010.

GOMES; I.S; CAMINHA, I.O. **Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 395-411, jan/mar de 2014.

JESUS, M.L; DEVIDE, D.P; **Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

JUNIOR, C.F.F.C; MELO, V.A; **Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. Movimento**, Porto Alegre, Ano III, Nº 5, p 18-24, 1996/2.

LEITE, L.L; PÁTARO, C.S.O. **Diferenças de gênero e juventude: um estudo a partir das vivências de estudantes de ensino médio do município de Campo Mourão-PR. Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 8, n. 2, p. 403-420, 2013.

LIMA; T.C.S; MIOTO, R.C.T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis**, v. 10, n. esp. p. 37-45, 2007.

LOURO, G.L. CAP. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente e o “excêntrico”. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis – RJ: Vozes, 9.ed, 2013.

MEYER, D. E. CAP. Gênero e educação: teoria e política. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis – RJ: Vozes, 9.ed, 2013.

MOKWA, V. M.N.F; MARIANO, F.A.C; RIBEIRO, P.R.M. **A possível ausência do conceito de gênero na visão de professoras de ensino fundamental**. *Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 4, n. 3, p. 1-12, 2009.

MOLINA, L; FIGUEIRÓ, M.N.D. **Professores homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar**. *Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 7, n. 2, p. 58-77, 2012.

PEREIRA, S.A.M; MOURÃO, L. **Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos**. *Motriz*, Rio Claro, v.11 n.3, p.205-210, set./dez. 2005.

PRADO, V.M; RIBEIRO, A.I.M. **Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa**. *Motriz*, Rio Claro, v.16 n.2 p.402-413, abr./jun. 2010.

SANTOS, V.C. **Indícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física**. *Motriz*, Rio Claro, v.16 n.4 p.841-852, out./dez. 2010.

SAYÃO, D.T. **A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil**. *Pensar a Prática*, 5: 1-14, jul./jun. 2001-2002.

SILVA; M.C; FERREIRA, T.C.V. **Educação física nas escolas religiosas: formação de diferenças histórico-sociais**. *Rev. Bras. Esporte*, campinas, v. 25, n. 2, p. 55-69, jan. 2004.